

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA, FOGO MORTO E LAVOURA ARCAICA*

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 08/11/2021

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Egressa do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR - Campus Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6296112977310758>

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Egressa do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR - Campus Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5922522362268006>

Rhayane Duarte Rabelo

Egressa do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR - Campus Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/2312684773484876>

Luciana de Cassia Camargo Pirani

Docente do Instituto Federal do Paraná Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/2614340028871369>

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo identificar quais os fatores que promovem a alternância entre a valorização e a desvalorização das personagens femininas retratada nas obras *Inocência*, de Visconde de Taunay, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego e *Lavoura Arcaica*, de

Raduan Nassar. Para atender o objetivo geral, fez-se necessário identificar as características da prosa regionalista brasileira; compreender as discussões de gênero; descrever os valores histórico-culturais em vigor no período de produção das obras selecionadas; analisar as personagens femininas *Inocência*, de *Inocência*; *Sinhá e Olívia*, de *Fogo Morto* e *Ana*, de *Lavoura Arcaica* a partir do contexto histórico de produção das obras; identificar e descrever os fatores de adequação ou inadequação das personagens femininas selecionadas para análise em relação ao tempo histórico das narrativas. O método adotado foi a leitura das obras *Inocência*, *Fogo Morto* e *Lavoura Arcaica*, seguido da revisão teórica sobre os assuntos que compõem o tema deste estudo: prosa regionalista, contexto histórico-cultural brasileiro no período de 1872, 1943 e 1975; e artigos que discutem as questões de gênero. Após a realização da leitura das obras regionalistas, foram selecionadas as personagens femininas mais expressivas nas três narrativas. Na sequência, foi desenvolvida a análise comparativa entre a personagem de ficção e o contexto real das mulheres do mesmo tempo histórico. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que o tempo histórico das narrativas - compreendido entre meados do século XIX e fim do XX, é marcado pela intensa depreciação da mulher que, não raro, era reduzida e inferiorizada perante a figura masculina. Na ficção, essa prática em que se altera entre o subjugar e o enaltecer da figura feminina, compartilha a idealização cultural e a imposição da efígie de indivíduo puro e imaculado – a glória – porém marcada pela desigualdade de

gênero que transcende o contemporâneo de produção das obras – a loucura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Prosa Regionalista, Gênero Feminino.

BETWEEN GLORY AND MADNESS - THE FEMALE CHARACTER IN THE REGIONALIST PROSE OF *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* AND *LAVOURA ARCAICA*

ABSTRACT: This research aimed to identify which factors promote the alternation between the valorization and devaluation of female characters portrayed in the works *Inocência*, by Visconde de Taunay, *Fogo Morto*, by José Lins do Rego and *Lavoura Arcaica*, by Raduan Nassar. In order to meet the general objective, it was necessary to identify the characteristics of Brazilian regionalistic prose, understand gender discussions, describe the historical and cultural values into force in the period of production of the selected works, analyze the female characters *Inocência*, in *Inocência*; *Sinhá* and *Olívia*, in *Fogo Morto* and *Ana*, in *Lavoura Arcaica*, from the historical context of the production of the works. Moreover, it was also needed to identify and describe the adequacy or inadequacy factors of the female characters selected for the analysis in relation to the historical period of the narratives. The method adopted was the reading of the works *Inocência*, *Fogo Morto* and *Lavoura Arcaica*, and a theoretical review of the subjects that compose the theme of this study: regionalist prose, Brazilian historical-cultural context in the periods of 1872, 1943 and 1975, and articles that discuss gender issues. After reading the regionalist works, the most expressive female characters in the three narratives were selected. After that, a comparative analysis between the fictional character and the real context of women from the same historical time was developed. The research results point out that the historical time of the narratives - comprised between the middle of the 19th century and the end of the 20th century – is marked by the intense depreciation of women, who were often despised and placed at a lower social level if compared to the male figure. In fiction, this practice that engages into switching between the subjugation and the exaltation of the female character shares the cultural ideation and the imposition of the effigy of a pure and immaculate individual – the glory – but marked by gender inequality that transcends the contemporary production of works – madness.

KEYWORDS: Literature, Regionalist Prose, Gender.

1 | INTRODUÇÃO

A prosa romântica no Brasil segmentou-se em diferentes gêneros como o romance histórico, indianista, urbano e o regionalista. A difusão dessa prosa, impulsionada pelos folhetins, foi determinante para a construção de uma identidade nacional. Contudo, tal identidade – ou, como podemos designar, pseudo-identidade - ainda era assinalada por aspectos e características advindos da Europa, que não refletiam o fiel cenário brasileiro e suas peculiaridades.

Nesse sentido, a prosa romântica regionalista ganhou destaque ao se consolidar como um gênero originalmente nacional, que propôs a valorização do cenário, da linguagem e dos costumes regionais, e a revelação do caráter genuíno do brasileiro distante do eixo

São Paulo – Rio de Janeiro.

Em leitura as obras regionalistas de *Inocência* (1872, Visconde de Taunay), *Fogo Morto* (1943, José Lins do Rego) e *Lavoura Arcaica* (1975, Raduan Nassar), foi possível identificar que as personagens femininas desses romances ora eram apresentadas como fortes e gloriosas, ora eram apresentadas como seres à beira da loucura e da insanidade, notadamente, quando em situação de inadequação ao meio social. Diante dessa dualidade criada pela literatura ao redor da figura feminina, indaga-se: quais circunstâncias históricas teriam influenciado a construção dessas personagens nas obras em análise?

Portanto, o objetivo central da presente pesquisa consiste em identificar quais os fatores que promovem a alternância entre a valorização e a desvalorização das personagens femininas retratada nas obras *Inocência* (1872, Visconde de Taunay), *Fogo Morto* (1943, José Lins do Rego) e *Lavoura Arcaica* (1975, Raduan Nassar). Para atender a esse propósito, foi necessário identificar as características gerais da prosa regionalista brasileira e compreender as discussões de gênero que circundam a temática do papel da mulher na sociedade brasileira, bem como os valores histórico-culturais em vigor no período de produção das referidas obras.

A partir de então, buscou-se analisar as personagens femininas *Inocência*, de *Inocência*; *Sinhá e Olívia*, de *Fogo Morto* e *Ana*, de *Lavoura Arcaica* considerando o contexto histórico de produção das obras e as discussões a respeito do papel exercido pela mulher na sociedade brasileira. Ainda, buscou-se identificar e descrever os fatores de adequação ou inadequação comportamental das personagens femininas selecionadas em relação ao contexto histórico no qual estavam inseridas.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação teórica

2.1.1 A prosa regionalista

Durante o período do Romantismo no Brasil, existiram quatro tipos de romance que se destacaram o Indianista, Histórico, Urbano, e por fim o Regionalista, o qual trataremos com mais profundidade. (SETTE, TRAVALHA, BARROS, 2013, p. 66)

A prosa regionalista ganhou força no século XIX no Brasil, e se fez presente no decorrer do século XX, devido, principalmente, a transferência da Corte Real Portuguesa para o Brasil no ano de 1808. Isso porque, nesse período, houve um grande crescimento da imprensa nacional (LUSTOSA, 2004, p. 7), ampliando a circulação de jornais para publicação de informações sobre a família Real e para o entretenimento do público, esse, em sua grande maioria, formado pela elite alfabetizada. Com isso, as prosas, publicadas em formato de folhetim e veiculadas nos jornais locais, foram amplamente difundidas nos

séculos XIX e XX.

Essa vertente do Romantismo tinha por objetivo resgatar e trazer à tona os costumes e as características das diversas regiões do país, buscando uma identidade nacional. Dessa forma, a inspiração nos modelos europeus, paulatinamente, passou a ser deixada de lado por alguns escritores, fazendo com que essa busca pela identidade do povo que aqui estava começasse a ganhar forma.

Nessa linha, Antônio Candido (2000), grande intelectual da literatura nacional, discorre que *“Certos livros [...], fundem harmoniosamente a intensidade emocional, o pitoresco regionalista, a fidelidade da observação e a felicidade do estilo obtendo um equilíbrio até então desconhecido”*.

Desconhecido, pois os cenários e enredos eram inspirados nos costumes, valores e comportamentos típicos de pequenos proprietários de terras, e, em sua maioria, as narrativas se passavam em ambientes rurais, afastados da capital imperial, na época a cidade do Rio de Janeiro.

Escritores como José de Alencar (1829-1877) e Visconde de Taunay (1843-1899) são grandes representantes desse período. Lúcia Miguel-Pereira, por sua vez, comenta que *“Inocência é, sem dúvida, o melhor romance de Taunay, muito superior aos demais; o que lhe marca um lugar na nossa literatura”* (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 669).

Visconde de Taunay ficou conhecido como um dos escritores mais relevantes da época, porquanto detinha grande conhecimento sobre as terras brasileiras, em razão das várias expedições para os locais que descrevia em suas obras (CASTRILLON-MENDES, 2008, p. 222), principalmente, para o Mato Grosso, onde se desdobra a narrativa de Inocência.

A prosa regionalista, todavia, não ficou restrita ao Romantismo. No Modernismo, que possuía dentre outros objetivos, superar a literatura vigente oriunda das escolas Realista e Naturalista, vislumbrou-se a necessidade de *“uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava sobretudo orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e escritor”* (MELLO E SOUZA; CASTELLO, 1997, p. 9).

Nenhum outro movimento na literatura brasileira foi capaz de refletir com tamanha fidelidade e ao mesmo tempo com tamanha liberdade criadora, os movimentos da alma nacional.

O Modernismo vigorou até meados do século XX, e dentre os escritores de destaque desse período, está José Lins do Rego.

Escritor da segunda fase do movimento, as obras de Lins do Rego tinham teor predominantemente memorialista e nessas *“se acentuam os contrastes de requinte e fartura das casas-grandes com promiscuidade e a miséria das senzalas, a sensualidade desenfreada e a subserviência dos homens do eito”*.

Em suas obras, José Lins do Rego, não raro, utiliza-se de sua própria história

para escrever seus livros. Isso se deve a sua inserção em uma sociedade patriarcal e escravocrata, passando por vários ciclos econômicos, dentre eles o Ciclo da cana-de-açúcar, onde está inserida a obra *Fogo Morto* (MELLO E SOUZA; CASTELLO, 1997, p.291-292).

Por seu turno, o romance *Lavoura Arcaica*, escrito por Raduan Nassar, foi publicado no ano de 1975. A obra, portanto, se insere em um período de grande instabilidade sociopolítica, tendo em vista que a ditadura militar era o regime governamental da época e que vigorava o Ato Institucional nº5, que suspendeu todas as garantias constitucionais dos cidadãos.

Nesse contexto, os escritores da época foram obrigados a usarem formas subjetivas de criticar o governo e a sociedade, e é nesse instante que Nassar escreve *Lavoura Arcaica* e explora ao máximo o psicológico da personagem “André”, trazendo à superfície os problemas existentes entre os indivíduos e o contexto social no qual estão inseridos, dando um caráter mais intimista à obra.

2.1.2 O papel da mulher da sociedade brasileira de *Inocência*, *Fogo Morto* e *Lavoura Arcaica*

No período colonial, a mulher vivenciava uma situação na qual não era vista como parte da sociedade, mas sim como uma parcela inútil, equiparada a um escravo, tido como escória da sociedade. Essa visão decorre da colonização empreendida pelos missionários, cuja formação religiosa tinha um viés machista.

Essa cultura se fortificou com o passar dos anos, apesar de, inicialmente, ter encontrado grande resistência no pensamento do povo brasileiro, habituado com a cultura indígena, na qual a mulher era tratada de forma distinta. Assim, passaram-se anos para que esse pensamento se consolidasse no Brasil, devido à dificuldade de ser implantado de forma rápida e direta. Nesse sentido, Stearns (2013, p. 107) afirma, em sua obra *História das Relações de Gênero*, “Os grupos se misturavam e se ajustavam, aceitando alguns componentes europeus e rejeitando outros, na melhor forma sincrética”.

Com a consolidação desse pensamento, a mulher passou a ser vista como propriedade de seu pai, que podia dispor livremente de sua vida. Ao casar-se, tornava-se propriedade do marido, devendo servi-lo em diversos aspectos: cuidar da casa, procriar e cuidar dos filhos. Isso pode ser observado a partir da discussão de Stearns (2013, p. 105), para quem “(...) os homens eram em primeiro lugar trabalhadores e figuras públicas. As responsabilidades das mulheres eram prioritariamente domésticas”.

No século XIX, contextualizando a obra *Inocência*, o posicionamento da mulher em relação ao homem era de mera aceitação ao que lhe era imposto pelo seu pai/marido ou qualquer outra figura masculina tida como superior a elas. Assim, as mulheres eram utilizadas, principalmente, como moeda de troca e uma fonte para produção de primogênitos.

Mesmo diante da insatisfação de muitas mulheres com o estado das coisas, esse

perdurou até 1932, quando, finalmente, conquistaram o seu primeiro direito como cidadãs brasileiras, a saber: o direito de voto, o qual foi sucedido da aprovação do divórcio.

No entanto, a despeito dessas conquistas, a visão da mulher como cidadã e parte da sociedade brasileira não sofreu grandes alterações. Afinal, conquanto as mulheres tivessem a sua participação política assegurada por meio do exercício de voto, a cultura arraigada na sociedade permaneceu machista e patriarcal, com um pensamento igualmente restrito em relação ao divórcio, ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho e ao posicionamento da mulher em relação a representação da figura do homem.

Assim, a mulher era concebida apenas como um ser submisso, limitado aos afazeres domésticos. É o que se observa nos livros *Fogo Morto* e *Lavoura Arcaica*. Aqui, novamente, convém transportar as lições de Stearns (2013) em relação ao papel das mulheres nos arranjos sociais:

“Arranjos que davam às mulheres demasiada liberdade, como trabalhadoras ou ativas sexualmente, podiam ser criticadas a partir desses padrões, assim como arranjos que não creditavam qualidades morais e virtudes domésticas às mulheres.”

Atualmente, é perceptível uma grande mudança em relação aos direitos das mulheres na sociedade brasileira. Entretanto, ainda perdura na sociedade um pensamento machista, que se manifesta no plano fático, a exemplo da disparidade dos salários entre mulheres e homens que desempenham a mesma função, e da chamada “3º jornada de trabalho” das mulheres, que acumulam funções domésticas, maternais e profissionais.

A mulher desempenha um papel importante na sociedade desde os primórdios, porém verifica-se que, paulatinamente, estabeleceu-se um pensamento patriarcal entorno disso, desvalorizando-a e fazendo com que ela própria se sinta desvalorizada dentro da sociedade, o que resulta na aceitação de sua própria condição.

Tal situação ganhou novos contornos somente a partir do final do século XX, com a luta dos grupos feministas, que reivindicavam a igualdade de gênero. Nesse sentido, Stearns (2013, p. 108) relata:

“Em 1900, a maior parte das sociedades continuava patriarcal. No entanto (...), as expressões do patriarcado com frequência se modificaram, muitas vezes realçando as desigualdades, mas em outras mudando pelo menos algumas manifestações tradicionais principais.”

Mais precisamente, em 1975, as mulheres “puderam falar de seus problemas específicos e dar os primeiros passos no sentido de ampliar este debate para outros setores sociais” (BARROSO, 1982), o que, inexoravelmente, resultou num grande avanço nos debates acerca do papel exercido pela mulher no bojo da sociedade atual.

2.2 Materiais e métodos

O método adotado na presente pesquisa foi a leitura das obras *Inocência*, *Fogo*

Morto e Lavoura Arcaica, seguido da revisão teórica sobre os assuntos que compõem o tema deste projeto: prosa regionalista, contexto histórico-cultural brasileiro no período de 1872, 1943 e 1975; e artigos que discutem as questões de gênero.

Após a realização das leituras dos romances regionalistas selecionados para análise, optou-se por identificar as personagens femininas mais expressivas nas três narrativas. Na sequência, foi desenvolvida análise comparativa entre a personagem de ficção e o contexto real das mulheres do mesmo tempo histórico, para, então, descrevermos os motivos para a valorização e desvalorização das personagens femininas de *Inocência* (1872, Visconde de Taunay), *Fogo Morto* (1943, José Lins do Rego) e *Lavoura Arcaica* (1975, Raduan Nassar).

2.3 Análise dos dados

2.3.1 *Inocência*

Ao ler a obra *Inocência* do escritor Visconde de Taunay, obra regionalista brasileira, percebe-se que não há uma crítica, expressa ou tácita, em relação ao contexto social da época. Pode-se dizer que *Inocência* é escrito com elementos e características da prosa Regionalista explicitamente, é um clássico Romance.

Toda a sua história é desenvolvida a partir de um romance, de certa forma, proibido, não sendo possível identificar uma real crítica social realizada pelo escritor. Contudo, pode-se analisar, em inúmeros fragmentos da obra, que ela possui um caráter expressamente patriarcal, tanto na forma como a personagem Inocência se posiciona, quanto na forma como as outras personagens se portam em relação a essa.

Nos seguintes trechos do livro *Inocência* é apresentado diálogo entre o pai de Inocência e Cirino, o homem que iria se apaixonar por ela logo após conhecê-la: “ora muito bem (...) quando vi a menina tomar corpo, tratei logo de casá-la.’ Ah! É casada?’ (...) ‘Isto é, é não é. A coisa está apalavrada.”

Outro trecho indicativo é: “Pois, bem, Manecão ficou assim meio em dúvida; mas quando lhe mostrei a pequena, foi outra cantiga... Ah! Também é uma menina.”.

Ao analisar esses trechos é possível observar que há uma exaltação da mulher como algo magnífico, principalmente na fala do pai de Inocência, que revela que, ao mostrar sua filha ao pretendente, esse tratou de mudar de opinião sobre se casar com Inocência. Entretanto, ao mesmo tempo em que Inocência era idealizada por seus pretendentes, ela era apresentada como um objeto de troca por seu pai, sobretudo, por meio do casamento.

Ao desenrolar a narrativa, Cirino se apaixonava cada vez mais por Inocência e enaltecia a sua beleza, demonstrando a sua completa idealização. Além disso, o próprio pai de Inocência a divinizava, qualificando e caracterizando a personagem de diversas formas, fazendo com que a imagem de perfeição de Inocência fosse perceptível ao leitor. Porém, essa perfeição restringia-se a aparência física, e não necessariamente intelectual ou moral.

Inocência era idealizada por ser mulher e ser bela, mas não por possuir um intelecto desenvolvido. Como se pode observar no seguinte fragmento da página 21, de uma fala do Pai de Inocência:

“Agora ela está um tanto desfeita: mas, quando tem saúde é choradinha que nem mangaba do areal. Tem cabelos compridos e finos como seda de paina, um nariz mimoso e uns olhos matadores...”

Porém, nos raros momentos em que comenta sua maneira de agir, o pai é depreciativo, por exemplo: “(...) muito ariscazinha de modos, mas bonita e boa deveras...”, podendo observar que a aparência é mais importante do que qualquer outra característica.

Ademais, esses fragmentos do livro apresentados mostram também o viés patriarcal da obra, visto que o pai possui domínio sobre a filha, por este motivo poderia escolher o pretendente que quisesse para Inocência e proibi-la de ver quem ela quisesse. Sendo o principal foco da história, o amor proibido de Inocência por Cirino, uma vez que a menina havia sido prometida para outro homem.

Ao averiguar as situações no livro, percebe-se que o conflito gira entorno de uma única circunstância: Inocência pertencer a outro homem. Apenas nessa pequena definição podemos perceber o modelo patriarcal que era seguido nos séculos passados. Visto que ao admitir que Inocência, uma menina de 18 anos solteira, pertence primeiramente ao pai e, depois de casada, ao marido é um posicionamento patriarcal e extremo, levando em conta a sociedade brasileira atual que segue os padrões ocidentais de globalização intensa. Atualmente, pode ser considerado algo absurdo e inviável, pois é um direito constitucional contido no Artigo 5º, inciso II “Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;” (BRASIL, 1988). Ou seja, Inocência, nos dias atuais não poderia ter sido obrigada a casar com o seu pretendente, caso não quisesse.

2.3.2 *Fogo Morto*

José Lins do Rego, autor de *Fogo Morto*, uma das obras em análise no presente artigo, é um dos mais representativos nomes da literatura neo-realista e da segunda fase da prosa Modernista no Brasil, compreendida entre 1930 e 1945.

O movimento Modernista, ao qual se enquadra o autor, foi alicerçado em discussões já saturadas por um passado de prosa Romântica e ganhou força no início do século XX para, então, refutar o aspecto exógeno da cultura brasileira e defender a autenticidade das produções do país a fim de compreender, tal como fomentar a construção de uma identidade unânime e genuinamente nacional.

Todavia, segundo Antônio Cândido, o enraizamento das propostas modernistas no Brasil é, como se sabe, fenômeno característico dos anos de 1930, momento no qual se legitimou a nova gramática das obras e dos estilos, forjada, especialmente, no interior da geração vanguardista de São Paulo no decênio de 1920 (CANDIDO, 2000, p. 181-198). Isto

é, a primeira fase da estética modernista no Brasil, no respectivo decênio de 20, irrompeu juntamente com a expansão capitalista e com os aglomerados urbanos que centralizaram os polos intelectuais, sobretudo, nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, lugar onde ocorreu a Semana de Arte Moderna de 1922.

No seio desses desdobramentos, e em oposição à intelectualidade hegemônica dos centros vanguardistas, Gilberto Freyre, consagrado intelectual, propôs a migração da temática das produções literárias nacionais para outras regiões do país, em especial, para o Nordeste brasileiro, apropriando-se da justificativa de que os ideais difundidos na década de 20 e inauguradas na Semana de Arte Moderna de São Paulo, não exprimiam, de fato, a verdadeira substância da nação brasileira, fator primordial e catalisador para as produções definidas, genericamente, como modernistas. Enfim, a partir da leitura e posterior publicação do Manifesto Regionalista, Freyre responde que:

A verdade é que não há região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores. (MR, não paginado)

Em sua carreira, Freyre desenvolveu sua interpretação do Brasil, enxergando o Nordeste como um pilar para origem da cultura e da sociedade brasileira, bem como servindo de base para nossa formação (DOS SANTOS, 2011, p.4).

Ao lado de Gilberto Freyre, portanto, encabeçava este movimento, o autor supracitado, José Lins do Rego. Ambos, principais representantes e difusores dessa ideologia pautada, frente ao imperialismo da modernização, na busca pelos vestígios de autenticidade brasileira, os quais facilmente poderiam ser desenterrados nos interiores e espaços rurais do país como verificou Lima em sua obra *Um Sertão Chamado Brasil* (1999).

Desta forma, uma vez que o apelo à inovação e ruptura com os padrões importados e preestabelecidos já atingira maturidade em poesias e prosas características da primeira fase do movimento modernista, o período das obras de Lins do Rego, mais especificamente, na década de 30, foi assinalado por uma intensa produção de obras literárias que receberam a designação de neo-realismo para então retratar a precariedade da sociedade Nordestina brasileira.

Sobre este panorama histórico-cultural, a obra em análise, *Fogo Morto*, segundo Antonio Carlos Villaça,

“é um imenso painel da sociedade rural do Nordeste, na transição da economia mercantil para a economia pré-capitalista” (p. xxviii) onde “a problemática básica é a decadência de toda uma estrutura socioeconômica fundada nos engenhos de açúcar” (*Fogo Morto*, 1998, p. xxviii).

Isto é, tomando como referência o cenário nacional, do início do século XX, a obra reporta o progresso industrial que ameaçava os valores difundidos na época, sobretudo,

entre os senhores do Nordeste brasileiro que ainda detinham sua economia vinculada à escravidão e, fundamentalmente, alicerçada no atraso social decorrente deste sistema, como ressalva o trecho retirado da obra: “Os partidos de cana, a escravatura gorda, os roçados de algodão. Tudo se fora para a do senhor de engenho [...]. Não ficaria mais bom, pensava a mulher. Estava morto para sempre” (REGO, 1997, p. 139).

Nesse sentido, José Lins do Rego, em seu livro, consagrado obra-prima - “e que obra-prima” (apud Mário de Andrade) - retrata fielmente a realidade conturbada da época e bebe das águas escassas do sertão nordestino do século XX para descrever, sobretudo, o panorama político e social construído sob o decadente sistema oligárquico dos engenhos de cana de açúcar do nordeste brasileiro. Logo, o título surge como um elemento que reforça a conjuntura provocada pela modernização, visto que, *Fogo Morto*, sustenta a denominação de um engenho inativo, que já não mói mais como menciona o trecho superior.

Intentando a contextualização e promoção de uma dialética com o panorama da época configurado anteriormente, vale salientar que, a modernização prevista na obra e vigente desde o início do século XX, era mal vista aos defensores do Manifesto Regionalista de Freyre, incluindo, Lins do Rego, uma vez que este processo de desenvolvimento capitalista e industrial implicava em inúmeras e profundas transformações, sobretudo, no cenário rural por eles engendrado. Isto é, a transfiguração sistêmica desse modelo passava a modificar não somente a esfera econômica, mas também, a estrutura social que se estendia entorno das relações hierárquicas que imperavam no Nordeste.

Deste modo, a defesa da preservação de algumas práticas regionais reafirmava valores conservadores e patriarcais perniciosos arraigados na sociedade, desde o passado colonial e retratados por José Lins do Rego no senhorio dos Engenhos de Santa Fé.

Em resumo, *Fogo Morto*, e demais obras de José Lins do Rego, oferece, sobretudo, um “testemunho dos últimos lampejos de uma tradição que se fundamenta num sistema patriarcal, escravocrata e latifundiário” (MELLO E SOUZA; CASTELLO, 1997, p. 291) da qual o autor lamentava o abandono.

Para tanto, José se aprofunda de modo holístico no regionalismo como descreve eximamente Otto Maria Carpeaux (*Fogo Morto*, 1998, p. xvi) “O grande valor literário da obra de José Lins do Rego reside nisto: o assunto e o estilo correspondem-se plenamente”. Enquanto narra as inúmeras tragédias e desgraças escarnadas no genuíno cenário do Nordeste brasileiro, o autor emprega em sua escrita a oralidade local para igualmente enaltecer aspectos como as lendas populares, a exemplo da crença no lobisomem que se tornara o seleiro José Amaro. Tal como discutir e denunciar a desigualdade social, proveniente do contraste entre a miséria, vivenciada e cantada por José Passarinho, e a fartura dos senhores no interior do engenho; a sujeição a interesses políticos como manifesta o capitão Vitorino, a polarização entre o cangaço, representado pelo capitão Antônio Silvino, e a polícia nordestina, traduzida pelo tenente Maurício e finalmente, a submissão feminina alinhada ao sistema patriarcal enraizado na sociedade aristocrática e

rural da época.

Diante do cenário engendrado genuinamente brasileiro, a narrativa segmenta-se em três partes e desenvolve-se a partir das perspectivas das três personagens principais. São elas o seleiro, Mestre José Amaro, o senhor do engenho, Coronel Lula de Holanda e o capitão, Vitorino Carneiro da Cunha, cujo título auto outorgado é constantemente banalizado com o apelido de “*Papa-rabo*”.

As respectivas personagens principais, por sua vez, personificam e ilustram fielmente a estrutura social difundida no Engenho Santa Fé, sertão nordestino, emoldurado pela prepotência e politicagem. Verifica-se ainda que as personagens de destaque na narrativa, apesar de multifacetada, como defende Antônio Carlos Villaça (Fogo Morto, 1998, p. XXVIII), é conferida apenas às figuras masculinas. Esse fato reproduz axiomáticamente, a estrutura social da época alicerçada sob os pilares do patriarcalismo que, embora decadente, ainda vigia no cenário assinalado pela exclusão e desvalorização da mulher.

Logo, não obstante, a pseudo pluralidade de visões narrativas, as personagens femininas retratadas no livro, representam a subordinação da figura feminina diante da masculina.

O fato que ilustra de maneira magistral essa resignação imposta às mulheres da obra, é primeiramente apresentado por José Lins do Rego, no cerne familiar, onde “a família patriarcal era, sobretudo, o produto de uma concepção autoritária da natureza das relações entre seus membros” (NOVAIS; ALENCASTRO, 1997, v. 2, p.414). Não se distinguindo posição social, a ideologia referida tingia a toda estrutura patriarcal ruralista proeminente no século XX.

Diante disto, Marta, filha do Mestre José Amaro, era moça “*pálida, com seus trinta anos, de pele escura, com os cabelos arregaçados para trás*” (REGO, 1998, p. 7) tímida, quieta, calada e solteira, é vítima de rechaça e constante humilhação paternal, e como acrescenta a mãe, dona Sinhá “Era triste, lá isto era”, “um resto de gente só esperando a hora da morte” (REGO, 1998, p.38).

Restrita aos afazeres domésticos, Marta, reproduz o papel social feminino da época, “sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido.” (REGO, 1998, P.38) Antagonicamente, seu pai, o Mestre seleiro, reunia em sua personagem as típicas características de um homem patriarcal: rude, machista e grosseiro, ao passo que, enquanto realizava seu ofício, o artesão relacionava-se com o mundo do Engenho de Santa Fé. Batia sola durante o dia e cumprimentava a todos que por ali passavam. Nesta perspectiva reside o pensamento “Freyreano” (1977, FREYRE) de que, ao homem competiam os afazeres extra domésticos e o exercício social e às mulheres, somente o mundo domiciliar e as relações parentais. Afinal, “*Moça era para viver dentro de casa, dar-se o respeito.*” (REGO, 1998, p. 38)

Essa atmosfera asfíxica e demasiadamente restrita promovida pelo intenso patriarcalismo, não raro, causava depressão às mulheres que, à época, se viam reféns

dessa sociedade desigual fundada na subserviência feminina. A insanidade de Marta é, então, efeito disso. A ausência de voz e de vida própria obrigava-a a estar sempre “de olhos para o chão, com medo” (p. 6) “como se estivesse só no mundo, cercada pelo silêncio do mundo” (REGO, 1998, p.83).

Logo, o fato é agravado com a demência de Marta, que progressivamente sofre ataques de loucura. A personagem passa então a ser refém dessa sina:

“Estava com mais de trinta anos e agora aparecera-lhe aquele nervoso, uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo.” “E depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias.” (REGO, 1998, p. 38)

Nesse sentido, enfrentando a ira, intempéries e as frustrações do pai patriarcal decadente, Marta, é vítima de violências familiares. Frequentemente desprezada, é, por fim, espancada por seu pai, o Mestre seleiro, em uma tentativa de cura a doença da filha. Como demonstra os fragmentos a seguir:

“E o mestre José Amaro, com um pedaço de sola na mão, chegou para perto da filha e começou a sová-la sem piedade.” (p.85) “A sola cantava no couro da filha.” (p. 86) “Sabia que tudo aquilo que a filha tinha só se curava mesmo com surra, com pancada forte.” (REGO, 1998, p. 85)

A desgraça de José Amaro era, pois, Sinhá, que nunca o havia dado o ideado filho homem para lhe auxiliar nos ofícios. Lastimando-se a todo o momento, dizia o Mestre: “Bem que podia ter tido um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse homem macho, de sangue quente, de força no braço. Um filho do Mestre José Amaro que não lhe desse o desgosto daquela filha.” (REGO, 1998, p. 9) Enfim, a tragédia do Mestre se conclui com a internação de Marta em um manicômio de Recife.

Analogamente, porém, sobre o outro extremo dessa pirâmide social enaltecida na obra, Olívia, a filha caçula do Capitão Tomás Cabral de Melo, fundador do Engenho de Santa Fé, enlouquece e perturba toda a casa grande. Fortalecendo o menosprezo pela imagem feminina retratada na obra, doentia e dada a loucuras, “doença de moça” (REGO, 1998, p.48) como é proferida na própria obra, *Fogo Morto*.

Tais preceitos encontravam-se tão difusos e entranhados na mentalidade do século XX, período retratado em *Fogo Morto*, que segundo Freyre, essas figuras femininas eram “abusadas não só pelos homens, como também pelas mulheres” (FREYRE, 1977, p. 1127).

Esse fato é exprimido singularmente no interior da casa o Mestre José Amaro, que, a todo o momento, manifesta seu desgosto pelo matrimônio com a esposa, designada genericamente Sinhá, e culpa-a por não ter lhe dado o filho homem e igualmente pela enfermidade da filha renegada, que nada dele tinha, afinal, “Era Sinhá a única culpada. Que podia ele fazer por uma filha que nada tinha dele, que era um outro ser, sem coragem para vencer todos os medos?” (REGO, 1998, p. 50).

Não obstante, Sinhá que, “Tudo daria para poder se ver livre de sua casa” (REGO,

1998, p. 52), ainda era coagida e obrigada a apenas exercer seus afazeres domésticos e servir o marido, bem como seus companheiros, como demonstra a feroz fala do Mestre: “Sinhá, bota este jantar, faz alguma coisa, mulher dos diabos.” (p.12). Tal subjugação não permite sequer palpite ou participação feminina, com argumentos discriminatórios, que excluía as “minorias” da época, dizia-se “Comadre, isto é conversa para homem. Negro e mulher não têm que se meter.” (REGO, 1998, p. 45).

Ademais, para complementar os abusos, Sinhá que “tudo sofrera calada, como escrava, sem direito a levantar a voz e dar uma opinião para resolver uma coisa” (p.39) era, não raro, maltratada pela própria filha, Marta, que nutria certo desprezo pela mãe, “com o pai, não levantava os olhos, para Zeca que lhe dizia o diabo era um cordeiro tão manso que nem parecia gente; com ela, era, no entanto como se lhe guardasse rancor” (REGO, 1998, p. 39).

Sinhá casara-se com José Amaro “porque não encontrara outro. Estava ficando no caritô e aparecera ele com promessa de casamento. Fingiu que gostava dele para não ficar moça velha, como agora ia ficando a filha” (REGO, 1972, p. 67).

Todavia, as hostilidades progressivas do marido levam-na a abandoná-lo, isto é, apesar do matrimônio forçoso, Sinhá livra-se finalmente dos referidos abusos, simbolizando a resistência da figura feminina perante a sociedade opressora da época.

2.3.3 *Lavoura Arcaica*

A obra de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, está inserida no contexto histórico da Ditadura Militar no Brasil, mais especificamente no ano de 1975, quando o general Ernesto Geisel estava no poder. Na economia, o país vivia o chamado milagre econômico, com o grande crescimento das indústrias, as famílias migraram dos campos para as cidades, caracterizando o êxodo rural da época.

A sociedade era formada, de modo geral, por uma elite que possuía grande influência, posses e poder político, por uma classe média que vivia nas cidades, e pelos sertanejos que se localizavam nas áreas rurais. Apesar dos avanços no âmbito econômico, as instituições familiares continuaram paradas no tempo, onde a ideologia “machista” permaneceu e ainda permanece dentro desses núcleos, onde a mulher “aceita” a posição em que esta, devido a cultura patriarcal existente (PASETO, 2008).

Ao levarmos em consideração o que foi supracitado, dá-se a entender que o autor escreve sua obra dentro do contexto da sociedade rural da época, tendo por base o sistema patriarcal, com uma mulher submissa ao marido e serva da casa e dos filhos. É válido ressaltar, que no período em que *Lavoura Arcaica* foi escrita, movimentos que buscavam, e que permanecem nessa luta até os dias de hoje, dar a mulher o seu devido destaque e independência na sociedade já afloravam por todo o país, aqui cabe uma possível crítica de Raduan a essa sociedade a partir do de sua obra título, uma vez que *Arcaico* é tudo aquilo

que é “antiquado; velho, antigo” (FERREIRA, 2010).

A narração da história ocorre do ponto de vista de André, a personagem principal, a partir das suas memórias e do seu psicológico. Essa personagem saiu de casa para tentar esquecer a paixão proibida pela irmã Ana, o que acaba por trazer uma grande instabilidade para estrutura familiar da qual ele fazia parte. Pedro, o primogênito da casa, tem por obrigação perpetuar a sabedoria do patriarca, incumbido por seu pai para que vá buscar seu irmão, haja visto que o pai como principal provedor da família não pode deixar seu posto.

Quando o reencontro entre os dois irmãos acontece, as características patriarcais do irmão mais velho ficam claras, “ele que vinha caminhando sereno e seguro, um tanto solene (como meu pai)” (NASSAR, p. 23, 1989). E em determinado momento do diálogo, André coloca Ana como a doença que o faz perecer, o que faltava para que ele pudesse ter a saciedade que o pai, Iohána, falava em seus sermões, “Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome, [...] era Ana a minha enfermidade, ela minha loucura, ela meu suspiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” (NASSAR, p.107, 1989). Nesse momento, observamos que a mulher é vista como a culpada de um sentimento que o homem carrega, ou seja, esse não assume as responsabilidades pelo seu próprio descontrole, tal feito ainda é observado nos tempos atuais e é conhecido como culpabilização feminina.

Outro ponto de grande importância evidenciado na obra, era a distribuição dos lugares eram à mesa, “O pai à cabeceira; à sua direita por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula” (NASSAR, p. 154, 1989), nesse momento da história o autor traz a “inferioridade” da mulher e a “Supremacia” do homem observada na sociedade. Durante o discorrer dos fatos, em nenhum momento o nome da mãe é citado, demonstrando que doravante o momento que a mulher se torna casada, sua identidade é perdida e passando a ser serva da casa, dos filhos e do marido.

Nesse fragmento, também é possível observar uma referência a passagem bíblica de Marcos 16,19, “foi elevado ao Céu, e está sentado à direita de Deus”, onde todos aqueles que forem julgados como bons se sentaram a direita. Ademais, a obra traz a visão da mulher como um objeto de satisfação dos homens, como submissa, sexo frágil e causador de todos os males, ou motivo pelo qual eles se fazem presente, “se o pai no seu gosto austero, quis fazer de casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição” (NASSAR, p.134, 1989).

3 | CONCLUSÃO

As três obras analisadas, *Inocência*, *Fogo Morto* e *Lavoura Arcaica* ilustram a figura do brasileiro em sua alva essência, maculada pela cultura patriarcal e machista.

No presente estudo, percebeu-se que essa cultura, muito arraigada no interior do Brasil, constituiu terreno profícuo às antonímias e à coexistência de extremos como autoridade e subordinação, que legitimavam a estrutura social e a hierarquia familiar alicerçada em relações de poder.

Observou-se, a partir da leitura de tais obras, que as personagens femininas são, em essência, a representação da subordinação da figura feminina diante da masculina.

A visão da mulher, idealizada e angelical, não raro, era apenas colocada como um mero objeto de satisfação dos homens; alguém à serviço deles, submissa, frágil e causadora de todos os males.

Verificou-se também que, caso as personagens tentassem romper com esse padrão de comportamento, sua sanidade mental era colocada em prova, sendo estereotipada como louca, perturbada, demente. Com efeito, percebe-se que tal reação era apenas mais uma forma de manutenção do *status quo*, por meio do silenciamento das vozes femininas.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Carmen. **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm acesso em Acesso em 27/10/2016.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CASTRILLON-MENDES, O. M. **Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 46, p. 217-240, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i46p217-240. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34606>. Acesso em 27/10/2016.

DOS SANTOS, Robson. **Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista**. Sociedade e Cultura, [S. l.], v. 14, n. 2, p. DOI: 10.5216/sec.v14i2.17613, 2012. DOI: 10.5216/sec.v14i2.17613. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/17613>. Acesso em: 6 nov. 2021.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. 8 ed., São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. Ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Macumbos**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

HEFZ, Rogério, **Fogo Morto de José Lins do Rego, Análises e exercícios**. São Paulo: Editora Sol, 1997.

LIMA, C. T. Um Sertão Chamado Brasil (Lima, 2013). Ideias, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 341–348, 2016. DOI: 10.20396/ideias.v7i1.8649523. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649523>. Acesso em: 8 nov. 2021.

LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, Luiz Felipe. **História da vida privada no Brasil**. v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PASETO, Irma Aparecida. **Transformações sociais das mulheres no século XX**. 2008. Disponível em < <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/transformacoes-sociais-das-mulheres-no-seculo-xx/20862> >. Acesso em 06/11/2021.

REGO, José Lins. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

REGO, José Lins. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SETTE, Graça; TRAVALHA, Márcia; BARROS, Rozário. **Português: linguagens em conexão**. Volume 2. São Paulo: Leya, 2013.

STEARNS, Peter N. **História das Relações de Gênero**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TAUNAY, Visconde. **Inocência**. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000297.pdf> >. Acesso em 15/10/2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022